

# **SOBRE MUDANÇAS GRAMATICAIIS DO ITEM AGORA NA FALA E NA ESCRITA**

Maria José de Oliveira (IFRN- Caicó/ UFPB-PROLING)  
[maria.oliveira@ifrn.edu.br](mailto:maria.oliveira@ifrn.edu.br)

Orientador: Camilo Rosa da Silva ( UFPB- PROLING)  
[camilorosa@gmail.com.br](mailto:camilorosa@gmail.com.br)

## Introdução

Basta se observar rapidamente alguns itens da língua, para se perceber que as mudanças que partem de itens adverbiais em direção a caminhos mais abstratizados vêm se tornando algo bastante comum. O item *agora* é um dos exemplos de tal mobilização. Categorizado pelas gramáticas ditas tradicionais como advérbio de tempo, assume, em situações interacionais, funções cada vez mais gramaticais, atestando a sua fluidez categórica e um conseqüente percurso de mudança. Desse modo, é o objeto de estudo deste trabalho que o contempla nas modalidades de língua oral e escrita, cujo objetivo é averiguar os diversos usos do item em contextos de fala e de escrita, em uma amostra do banco de dados Discurso & Gramática - língua falada e escrita da cidade de Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998).

A pesquisa busca suporte na teoria do funcionalismo norte-americano, segundo os postulados de Givón (1979, 1990, 1995, 1998, 2001, 2005); Tomasello (1998, 2003); Hopper e Traugott (1993, 2003); Traugott e Heine (1991); Heine e Kuteva (2007); Bybee (2006, 2010), entre outros. O foco da discussão contempla o princípio da gramaticalização, especialmente, na concepção de gramática que emerge das pressões cognitivas e comunicativas advindas do uso da língua, porque como defende Hopper (2011), “as estruturas estão constantemente sendo modificadas e negociadas durante o uso”.

Para desenvolvermos a análise, selecionamos, em relatos de opinião e narrativas de experiência pessoal, as ocorrências do item; na sequência, analisamos as funções por ele assumidas, averiguando o seu percurso de mudança e manifestações de polissemias ou sobreposições funcionais, nas duas modalidades.

Além desta introdução e das considerações finais, o trabalho se organiza em quatro seções, assim definidas: discussões teóricas: a gramaticalização; *agora* na fala; *agora* na escrita; a trajetória de gramaticalização do *agora* na fala e na escrita.

## 1. Discussões teóricas: a gramaticalização

São muitas as definições para o termo gramaticalização. Hopper e Traugott (1993, p.XV) a definem como “o processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Pensando assim, os autores mostram que a gramaticalização não acontece de forma abrupta, mas de maneira lenta e gradual, obedecendo a uma evolução, um *continuum* que se estabelece em unidades dependentes e independentes que se rearranjam no discurso, a partir de usos anteriores.

Essa definição vai sendo refletida em outras de autores diversos, nas quais podemos reconhecer a defesa de uma trajetória de evolução direcional do menos para o mais gramatical. É o que ocorre na visão de Brinton e Traugott (2005, p.99):

Gramaticalização é a mudança através da qual, em certos contextos lingüísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, o item gramatical resultante pode se tornar mais gramatical ao adquirir mais funções gramaticais e expandir suas classes de hospedeiros.

Vejamos que, também, na mesma perspectiva pode ser apreendida a afirmação de Martelotta (2007) em palestra sobre a evolução desenvolvimento de advérbio para conectivo:

Gramaticalização é um processo, por definição, unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Diante desses conceitos, verificamos que o fenômeno da gramaticalização é um processo de mudança que opera de forma predominante numa só direção, o qual resulta em novas formas sujeitas às pressões gerais da cognição e do uso. A recorrência do uso faz com que as formas se rotinizem, tornem-se regulares e, conseqüentemente, institucionalizadas pela aceitação da comunidade linguística.

Traugott e Heine (1991), por sua vez, identificam algumas condições necessárias para que se dê a gramaticalização, as quais são oriundas de estudos lingüísticos realizados em diversas línguas. Eles apontam a forte evidência de apenas determinadas classes lexicais serem suscetíveis à gramaticalização.

É mesmo considerado restrito o número de itens lexicais que podem funcionar como fontes para o referido processo. Dessa maneira, os autores acrescentam que para uma forma ser gramaticalizada, são importantes o seu conteúdo semântico, as inferências (saliência perceptual) para produção do discurso e a frequência do uso.

Reportando-se a Traugott e Heine (1991), Barreto (1999) trata dos fatores que determinam o início da gramaticalização e comenta que o fator determinante ou ponto de partida do processo é a pressão discursivo-pragmática, ou seja, a necessidade de a língua ser “o mais possível informativa, processável e expressiva” possível (p.99).

Hopper e Traugott (2003) não pensam diferentes. Atribuem à pragmática a responsabilidade pelo surgimento da gramaticalização, a qual é caracterizada pelo intercruzamento de dois processos cognitivos: a metáfora e a metonímia, adiante explicitados.

É sempre oportuno mencionarmos os cinco princípios que Hopper (1991) propõe para explicitar o processo de gramaticalização:

- Estratificação: em um domínio funcional amplo, novas camadas estão emergindo continuamente. Nesse ínterim, as camadas velhas não necessitam ser descartadas, mas podem coexistir com as camadas mais novas.

- **Divergência:** se uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer como autônoma, sujeita às mesmas mudanças a que se submete um item lexical comum.
- **Especialização:** explica que dentro de um domínio funcional, num determinado estágio, é possível a variedade das formas com nuances semânticas diferentes. Essa variedade estreita-se ao se configurar a gramaticalização, e, portanto, reduzem-se a variedade e opções de escolhas formais.
- **Persistência:** diz respeito à percepção de vestígios-fontes, ou seja, “as relíquias de outrora” deixadas por seus significados originais, ao longo do trajeto traçado pela gramaticalização.
- **Decategorização:** as formas, ao passarem pelo processo de gramaticalização, tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são peculiares às categorias plenas (nomes e verbos). Passam, pois, a se caracterizar como categorias secundárias (adjetivos, participios, preposições e conjunções).

Porém, Castilho (1997), entendendo que os princípios formulados por Hopper (1991) são mecanismos, relaciona, pois, quatro princípios, os quais podem, na sua ótica, representar os estágios de gramaticalização. São eles: analogia, reanálise, continuidade/gradualismo e unidirecionalidade.

- **Analogia** – envolve a atração de formas não existentes para se uniformizar com construções já existentes. Hopper e Tragoutt (2003) asseguram que o processo é manifesto. Opera ao longo do eixo paradigmático e as mudanças são no sentido de uma forma já existente cumprir novas funções.
- **Reanálise** – acontece quando uma forma perde os limites de sua constituição e passa a ter, em diversas instâncias, estrutura e sentido diferentes daqueles do falante, pela ação dos cortes não imediatos resultantes da abdução. Tudo isso motivado por novas interpretações e inferências que se aplicam às formas antigas.
- **Continuidade e gradualismo** – explicam a efetivação da renovação das estruturas da língua como processo contínuo e gradual.
- **Unidirecionalidade** – mostra a irreversibilidade do movimento da gramaticalização.

Dois princípios de Castilho (1997), aos quais Hopper e Tragoutt se referem como mecanismos gerais de gramaticalização, merecem uma atenção especial: a reanálise e a analogia.

A opinião dos autores é que a reanálise é o mecanismo mais importante para a gramaticalização. Porém, os dois processos desempenham papel relevante na gramaticalização. A reanálise acontece de forma imperceptível. Age em substituição das estruturas antigas pelas mais novas, suscita mudanças na regra e atua no eixo sintagmático da estrutura linear. Por outro lado, a analogia é uma manifestação aparente em si mesma, atua no eixo paradigmático de qualquer nóculo constituinte e não provoca a mudança de regra, apenas a expande. Apesar de diferentes, de certa maneira, os dois processos

interagem porquanto a analogia torna visíveis as mudanças não perceptíveis na reanálise (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Heine e Kuteva (2007) elencam quatro mecanismos interrelacionados que envolvem a gramaticalização: dessemantização - desbotamento semântico das formas; extensão - generalização de contextos; decategorização - mudança de classe; erosão - redução fonética.

Pelo que observamos, não há consenso, entre os estudiosos do fenômeno, a respeito dos principais mecanismos que regem o processo. No entanto, salta aos olhos a relevância de alguns conceitos para a gramaticalização.

A unidirecionalidade é um deles, porque apregoa que as mudanças ocorrem prototipicamente numa direção linear, única, sem espaço para a reversibilidade ou contra-exemplos, obedecendo à seguinte escala:

- $A/B > B$

Daí, derivam-se as trajetórias de gramaticalização, muito importantes para explicar as mudanças experimentadas por alguns conectores:

*Item lexical pleno > palavra gramatical > clítico > afixo derivacional*

Para Givón (1979), o processo de gramaticalização atua numa unidirecionalidade cíclica, assim:

*Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero*

Esse trajeto delinea o movimento de uma forma ou construção cujo percurso começa no discurso, gradualmente evolui para obter o *status* de categoria sintática, adquire propriedades funcionais discursivas, sofre alterações de cunho semântico e fonológico, deixa de ser forma livre, chegando à exaustão, pressionada por uma cristalização extrema (CASTILHO, 1997).

Martelotta, Votre e Cezário (1996) relatam a disposição das línguas para adquirir um sistema semântico cognitivo, cuja base é o mundo experienciado pelo falante/ouvinte, e esse, pois, determina a procedência dos sentidos que movem o mundo, através da transferência do real para o abstrato.

Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) propõem um esquema escalar crescente de dimensão translinguística para descrever essas mudanças:

*Pessoa > objeto > espaço > tempo > qualidade*

No mesmo ano de 1991, os autores citados formulam o percurso universal de transferência metafórica para conectores:

*Espaço > (tempo) > texto*

Como eles próprios explicam, “as formas se associam a significados progressivamente mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo e desaguando na categoria mais abstrata do texto”. Em outras palavras, a

concepção deixa evidente que as mudanças ocorrem de forma progressiva, deslocando-se dos seus sentidos na direção do + *concreto* > - *concreto*.

A distinção do real para o abstrato corresponde, segundo os autores citados, às noções de ideacional e textual de Halliday (1970). Na tentativa de explicar as funções da gramaticalização em direção a uma subjetivação crescente, eles passam a compreensão de que o padrão de transferência acontece no seguinte percurso: ideacional/proposicional > textual. Essa posição é convergente em relação às de Traugott e Köning (1991) e Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Entretanto, o percurso acima assinalado preocupa os estudiosos quando surge o terceiro item da escala: função interpessoal.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), por exemplo, manifestam-se contrários à posição da função interpessoal no último degrau da escala e invertem a ordem para: interpessoal > textual, justificando que a função interpessoal envolve relações vinculadas ao falante e ao ouvinte, no que se referem às atitudes, crenças e julgamentos (falante) e no que se refere às relações sociais (ouvinte), sem limites claros entre os dois. Assim, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) aconselham que pelo menos, para o componente orientado para o ouvinte, a direção do percurso em discussão seja a seguinte:

*Ideacional > interpessoal > textual*

A metáfora e a metonímia são outros mecanismos de mudanças que se envolvem na gramaticalização.

A metáfora é compreendida por Hopper (2003) como um tipo de domínio em termos de outro, cuja direção envolve a transferência de uma forma básica, usualmente concreta, em direção a uma mais abstrata. A transferência de sentido provém de motivações analógicas e relações icônicas emanadas da cognição humana. Por isso, é base dos processos de gramaticalização, visto que impulsiona as mudanças gramaticais no discurso, nas relações do + *mais concreto* para o - *concreto*.

A metonímia é também um processo cognitivo conceitual, porém menor, que se realiza mediante a associação entre elementos contíguos. Atua no nível estrutural e morfossintático e age no processo de gramaticalização por meio da pressão de informatividade e a reanálise (MARTELOTTA, 1996). Para alguns autores, metáfora e metonímia agem em conjunto ou em estágios próximos.

## 2. *Agora* na fala

### ***Dêitico temporal: presente, passado, futuro***

De acordo com a pesquisa de Oliveira (2009), o item *agora* na fala segue tendências já observadas em outros elementos de funções semelhantes, registrando um percurso que migra do dêitico espacial para o temporal até atingir o nível discursivo.

Dados do português atual, na modalidade oral, extraídos do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade do Natal-RN (FURTADO DA CUNHA, 1998) comprovam a ampliação semântica da referência temporal em relação à proximidade do fato evocado para extensões diferenciadas. Confirmam-se os dados:

- (1) ... se preocupar mais em jogar futebol do que em ganhar dinheiro né? como já aconteceu *agora* com ... com Careca eu acho que ele pediu dispensa né? pediu pra sair ... pediu pra sair e ... todo mundo sabe ... (D&G, oral, p.16)
- (2) ... você passa a ser bom ... automaticamente ... eu acho que não é assim ... sabe Sheila? não é você chegar e dizer assim ... vou ficar bom *agora* ... e de repente ficar bom ... primeiro você tem que se descobrir ... esse lado bom que você tem ..... (D&G, oral, p.27)

Em (1) o *agora* assinala a perda de traços cujos valores apresentam +referência presente para se estabelecerem pontos que se aproximam mais da referência passada. Em (2) o elemento em destaque assume um valor temporal com mais referência futura. Observe-se que o termo faz parceria com a construção perifrástica *vou ficar*, marca empírica de futuro, contribuindo semanticamente para que o *agora* aponte para uma direção potencialmente indicadora de futuro, muito embora parta do momento presente pelas instâncias do discurso.

Desse modo, os dados ressaltam o caráter de mobilidade da forma, já nesta posição de advérbio temporal, mesmo que se preserve o momento da fala, eixo central do qual partem todos os usos a ele vinculados, fazendo-nos compartilhar o pensamento de Neves (1989 apud RISSO, 1993), para quem o advérbio *agora*

nunca exprime momento ou período fisicamente delimitado, mas apresenta variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual) [...],mas pode abranger um período maior ou menor, não só do presente mas também do passado ou do futuro, desde que toque o presente ou se aproxime dele.

### ***Conector (relacional)***

No fragmento seguinte, observe-se que da condição de temporalidade da *dêixis*, as construções que abrigam o item realizam movimentos nos enunciados, e evoluem para uma posição relacional, mais voltada para o plano discursivo. Nesse ponto, *agora* exerce valores de conector, cujo papel é servir de nexos ou elo a segmentos ou orações.

O *Corpus* D&G de Natal registra várias ocorrências do elemento nesta função. Confira ocorrência:

- (3) ...isso pra criticar ... outras não têm o mínimo interesse mesmo ... não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar ... né ... criticam bastante ... *agora* ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não-crentes ...(D&G, oral, p.125)

No exemplo (3), o informante compartilha com o ouvinte ideias que de certa forma se opõem à declaração inicial. Como podemos perceber, o termo age num contexto e logo após se segue uma pausa para dar sequência ao fluxo discursivo, mas esta, é preenchida pela informação de caráter oposto, revelando nuances de um conector adversativo, assinalada pelos próprios elementos do contexto. Basta verificar a possibilidade de a

construção ser parafraseável pelo item *mas*, eleito por pesquisas anteriores, o protótipo da categoria dos adversativos.

Desse modo, verificamos que há uma liberdade de estruturação entre as formas quando partem para o discurso, numa demonstração de que seu processo de categorização é maleável, de modo que, no transcurso da fala, os elementos lexicais estão sujeitos a assumir posições variáveis, postura que se contrapõe aos preceitos ditados pela gramática tradicional.

### *Articulador discursivo*

É importante destacar que conforme Risso (1993, p 34-35), a diferenciação sintático-semântica da forma *agora* em relação ao advérbio temporal reside em algumas propriedades que são aplicáveis ao advérbio e bloqueadas ao marcador no âmbito textual.

Por exemplo: a) o marcador não é desencadeado por “Quando? “Ou “desde quando”? Ou parafraseável por “atualmente” e “neste momento”.  
b) Não se enquadra como foco de orações clivadas, configurando-se a sua condição de “elemento pragmático-discursivo”.

Risso (1993, p.39) cita Marcuschi (1989) para argumentar que o articulador gera a impressão de estarmos diante de “*um elemento descartável*”, que parece poder ser descartado na fala. Ainda, acrescenta que a sua eliminação não traz prejuízos, quando a perspectiva é estritamente sintática. Aqui, optamos, entretanto, pelo não uso da nomenclatura *marcador discursivo*, por entender que, na literatura especializada, esse termo quer assinalar a ocorrência de itens que não estariam atuando no âmbito da gramática, ponto de vista do qual não compartilhamos na presente análise.

- (4) ... isso é do mal ... agora as pessoa que é:: é do bem ... é:: faz qualquer coisa ... brinca com a pessoa ... se a pessoa pedir ... brinca com a pessoa ... *agora* ... é:: se por exemplo ... se eu pedir a pessoa pra nu/ pra brincar e a pessoa num quiser ... brincar ... aí é mesmo que ... é do mal (D&G,oral, p.189)

A ocorrência (4) registra a presença do *agora* (em negrito) como articulador, aparentemente destituído de valores semânticos e sintáticos, acompanhado da pausa temática, deixando a impressão de que o informante quer ganhar tempo, preencher vazios para depois projetar a informação e não perder o fluxo da fala. Nesse contexto, observamos um nível maior de abstração. O item, que na gênese era dêitico, parece ir perdendo suas marcas referenciais. Por isso, seu comportamento, na ocorrência em análise, indica o exercício de uma função mais discursiva, muito embora, revelem-se traços semânticos característicos de oposição. Talvez seja esse o contexto que, pragmaticamente, mais simbolize a mudança em curso.

### 3. *Agora* na escrita

Na busca de uma correspondência entre fala e escrita, analisamos os dados referentes ao discurso escrito no mesmo *corpus*. Tomando como referência o item *agora*, a

forma parece se mostrar alheia às forças de movimento, na escrita, uma vez que conforme averiguação, a mesma aparece, raramente, nas ocorrências, e mesmo quando os informantes recorrem ao item é para empregá-lo com valor temporal, conforme exemplo a seguir:

- (5) A trama conseguia envolver o telespectador não somente pelo seu caráter intimista, como também os recursos geográficos colocavam, a “deixa” no ar para outra linguagem; esta *agora* muito mais plástica porque a natureza como que adentrava, através do enredo, pelo nosso vídeo e se nos apresentava como um personagem vigoroso na sua maior forma. (D&G, escrito, p. 79)

Pelo que podemos observar, o item *agora* assume no enunciado acima um valor de tempo, correspondente a neste momento, ou seja, assinala uma circunstância temporal, sem revelar mobilidade em relação ao seu sentido canônico.

Considerando que o item ocorre com uma frequência muito baixa e apenas com o valor adverbial, verificamos que o estudo do item, no contexto pesquisado, não é revelador de movimentos configurativos de mudança em curso, nessa modalidade, comportamento bem diverso daquele da modalidade oral.

Esse fato é significativo para ratificar o aspecto mais conservador da escrita em relação à fala e comprovar que as inovações na oralidade precedem às da modalidade escrita, constituindo estas uma espécie de atestado da consolidação das mudanças na língua em uso. Isso pode querer dizer que a gramaticalização se evidencia em seus estágios mais adiantados quando as manifestações de mudança se tornam recorrentes em produções escritas.

#### 4. A trajetória de gramaticalização do *agora* na fala e na escrita

Martelotta (2004) recorre a Machado (1977) para explicar a origem da forma “*agora*”. Provinda do sintagma nominal latino *hac hora* (*esta hora, neste momento*), o *hac* (=por aqui) representa o advérbio espacial dêitico, estabelecendo uma relação de proximidade entre os falantes.

Houaiss, Vilar e Franco (2004), baseados no Índice do Vocabulário do Português Medieval compartilham do mesmo pensamento e vão mais adiante traçando uma linha evolutiva do termo do século XIV ao século XVI, assim demonstrada: *agorra* > *aguora* > *haguora*.

Rodrigues (2002) explica que a origem do termo remete a “*nunc*”, forma que deu origem a *hac hora* e *hora* e posteriormente *agora*, *ora* e *hora*, posição confirmada pelas ocorrências do latim mais antigo, presentes em exemplos de Cícero, Virgílio e Plauto:

*Nunc* > *hac hora* > *agora*  
*hora* > *ora e hora*

No português contemporâneo, em seu uso canônico, a forma assume o valor de *neste momento*, advérbio dêitico temporal.

Segundo Votre; Cezário; Martelotta (2004) a fusão entre noções de espaço e tempo já se manifesta na língua, através de vários outros casos.



É relevante considerar que esta trajetória assinalada pela forma originária “esta hora”, “neste momento”, marca uma passagem de advérbio espacial dêitico para advérbio dêitico temporal e posteriormente para o campo discursivo. Esse percurso corrobora a percepção de que ocorreu uma mudança trajectorial *espaço* > (*tempo*) > *texto*, conforme Heine; Claudi; Hünemeyer, (1991).

Traugott e Heine (1991) propõem, em sua teoria, que as formas se associam a novos significados, os quais são mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo até percorrerem as categorias mais abstratas do texto.

Da condição de temporalidade da “dêixis”, as construções que abrigam o item realizam movimentos nos enunciados, e evoluem para uma posição relacional, mais voltada para o plano discursivo. Nesse ponto, “*agora*” exerce valores de conector, cujo papel é servir de nexos ou elo a cláusulas, proposições ou sentenças que de alguma forma se opõem.

O *Corpus* D&G de Natal registra ocorrências do elemento nessa função, conforme já observamos nos exemplos comentados ao longo deste trabalho.

Dessa forma, verificamos que há uma liberdade de estruturação entre as formas, quando partem para o discurso, numa demonstração de que o processo de categorização dos itens linguísticos é maleável, de modo que no transcurso da fala os elementos lexicais estão sujeitos a assumir posições variáveis, postura que contrasta com os preceitos ditados pela gramática tradicional.

Na escrita, não constatamos nenhuma disposição do item para empreender movimentos de mudança do seu estatuto de circunstanciador temporal, mesmo porque a forma aparece, raramente, e quando se registra em uma ocorrência é exercendo a função designada pelos registros canônicos da gramática- ou seja- no papel de advérbio de tempo.

## Conclusão

Analisados os dados, verificamos que o item *agora* realiza movimentos graduais na modalidade de fala, exercendo variadas funções, as quais atestam o percurso universal de gramaticalização, proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991): *espaço* > (*tempo*) > *texto*, configurando-se uma evolução a caminho da abstratização.

Porém, na escrita, no contexto em foco, o item não revela predisposição para nenhum movimento que implica em mudança do seu valor canônico de circunstanciador temporal.

Desse modo, podemos inferir que as mudanças envolvendo o item *agora*, vêm acontecendo apenas na modalidade de língua oral, ambiente mais fértil para se iniciar um processo de mudança em curso.

Conforme o exposto, pondo em comparação os dados nas duas modalidades, podemos considerar que o processo de dinamismo da língua que está se insinuando na fala do habitante de Natal, ainda não chegou à modalidade escrita.

Contudo, é válido anotar a disposição do item para se licenciar do seu valor temporal, já que assume funções outras em contextos interacionais.

## Referências Bibliográficas

- BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1999.
- BRINTON, L. TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. *Language* (82), n. 4, p. 711-733, 2006.
- CASTILHO, A. T. *A gramaticalização*. Cadernos de estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 1997.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso & gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- GIVÓN, T. The functional approach to language. In: TOMASELLO, M. (Ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p. 41 - 66.
- \_\_\_\_\_. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Syntax. A functional-typological introduction*. v. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and Grammar*. John Benjamins: Amsterdam, Philadelphia: 1995.
- \_\_\_\_\_. *Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Context as other's minds*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, p. 134-160, (trad. J. A. Durigan), 1970.
- HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- \_\_\_\_\_; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar. A reconstruction*. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University press, 2007.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p. 155 – 175.
- \_\_\_\_\_. Emergent grammar and temporality in interactional linguistics. In: AUER, P.; PFANDER, S. (eds) *Constructions: emerging and emergent*. Berlin: De Gruyter, 2011, p. 22-24
- \_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Grammaticalization*. 2<sup>nd</sup>. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2004.
- MARTELOTTA, M. E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M.; MARTELOTTA, M. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras: UFRJ, 2004, p. 82 - 136.

- MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M.. *Gramaticalização no Português do Brasil: Uma abordagem Funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- \_\_\_\_\_. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. de. (orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p.17 - 28.
- \_\_\_\_\_. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, S. J; CEZÁRIO, M.; MARTELOTTA, M. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras: UFRJ, 2004.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- RISSO, M. S. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org). *Gramática do português falado*. Volume III: As abordagens. Campinas, SP: São Paulo: FAESP, 1993.
- RODRIGUES, F. C. D. O termo agora: prototypicalidade e funcionalidade. In: *Anais*. Caderno 09-08: VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. CIFEFIL: Rio de Janeiro, 2002.
- SILVA, C. R. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. (Tese de doutorado). João Pessoa, 2005.
- TOMASSELLO, M (Ed) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure* New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. V.2. Mahwah, NJ/ London: LEA, 2003.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- \_\_\_\_\_; KÖNING, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (eds). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, 1991.